


POVO INDÍGENA XOKÓ: UMA AÇÃO DE PRESERVAÇÃO DE SUAS MEMÓRIA

XOKÓ INDIGENOUS PEOPLE: AN ACTION TO PRESERVE THEIR MEMORIES

Recebido em: 29/07/2022

Aceito em: 30/08/2022

Rafaela Matos de Santana Cruz¹ 

Danielle Matos de Santana Cruz² 

Resumo: O presente artigo tem como objetivo geral compreender quem são os povos indígenas Xokó com embasamento da pedagogia decolonial. Como específicos nos propomos descrever o trabalho realizado no projeto de iniciação científica intitulado “memória Digital do Povo Indígena Xokó, que foi desenvolvido na universidade Tiradentes. Como também vamos analisar as possibilidades que o material salvaguardado trará para que professores e estudantes conheçam a história dos povos indígenas Xokó. O decolonial nos ajudou nos ajustes das lentes, para nos aprofundar nos estudos sobre os indígenas Xokó. Por se tratar de uma pesquisa de sujeitos historicamente marginalizados é preciso a sensibilidade que o decolonial nos traz para fazermos um trabalho respeitando estes sujeitos, além de ter um maior cuidado com as fontes, as quais foram; o site da universidade federal de Sergipe, com jornais e o acervo em suporte papel de frei Enoque, para a construção de um acervo digital, a partir do processo de coleta, desinfestação, higienização, *digitalização, indexação e armazenamento dos documentos*. Utilizando uma metodologia qualitativa, fizemos o levantamento e análise de dados que possibilitarão traçarmos diferentes questões sobre os povos indígenas Xokó, tais como sua história de luta e resistência para manutenção de território, a influência do catolicismo na comunidade.

Palavras-chave: Indígena Xokó; Preservação; Pedagogia Decolonial.

Abstract: This article has the general objective of understanding who the Xokó indigenous peoples are based on decolonial pedagogy. As specifics, we propose to describe the work carried out in the scientific initiation project entitled “Digital memory of the Xokó Indigenous People, which was developed at Tiradentes University. We will also analyze the possibilities that the safeguarded material will bring for teachers and students to know the history of the Xokó indigenous peoples. The decolonial helped us to adjust the lenses, to deepen our studies on the Xokó indigenous people. As it is a research of historically marginalized subjects, it is necessary the sensitivity that the decolonial brings us to do a work respecting these subjects, in addition to being more careful with the sources, which were; the website of the Federal University of Sergipe, with newspapers and the collection on paper by Frei Enoque, for the construction of a digital collection, based on the process of collecting, disinfecting, cleaning, digitizing, indexing and storing documents. Using a qualitative methodology, we collected and analyzed data that will make it possible to trace different questions about the Xokó indigenous peoples, such as their history of struggle and resistance to maintain their territory, the influence of Catholicism in the community.

Keyword: Xokó indigenous; Preservation; Decolonial Pedagogy.

¹ Graduada em História pela Universidade Tiradentes e Mestranda em Educação do PPED Unit. E-mail: rafaela.santana@souunit.com.br;

² Professora da Educação Básica, graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe, pós-graduada em Educação no Campo pela Faveni. E-mail: dani-pedagogia@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Durante todo o processo de colonização da América Latina, o colonizador europeu devastou os territórios dos povos originários. Assim, através do conceito de sub posição das suas culturas que colocou a europeia como a única aceita, os indígenas brasileiros tiveram a posse violenta de suas terras. Todo esse massacre era baseado na visão eurocêntrica de mundo e no seu conceito de superioridade branca, em relação aos povos originários que eram vistos como inferiores, tendo seus saberes silenciados. Hoje ao estudar a história dos povos indígenas, é importante inicialmente quebrar os estereótipos colocados pelo colonizador, como a utilização do termo “índio”, que foi um nome dado por eles aos povos que aqui encontraram, mostrando assim o desrespeito a esses sujeitos por não se encaixarem nos padrões eurocêntricos, colocando-os sobre os seus olhares de preconceitos e discriminações.

No século XX, surgiram na América Latina pensadores, que começaram a desenvolver estudos que respeitam a (re)existência dos povos que foram marginalizados, este grupo nos possibilita entrar em contato com novas formas epistemológicas. Assim, os saberes produzidos pelo decolonial quebram com a lógica colonial do mundo/colonial/moderno rasurando a colonialidade e o eurocentrismo. Surge nesse sentido uma luta geopolítica de reassignificação e (re)existência dos saberes dos povos originários, um movimento que parte da sua realidade e respeitando as interculturalidades sociais existentes.

Nesta perspectiva, o presente estudo vai relatar o desenvolvimento do trabalho, intitulado “Memória Digital do Povo Indígena Xokó³. Desenvolvido na Universidade Tiradentes, no programa de pós-graduação PROBIC (2017/2018). Este projeto foi elaborado com a preocupação de guardar a memória e história dos Xokó, comunidade indígena do estado de Sergipe. No desenrolar dos processos tivemos como principal foco a digitalização de documentos do acervo pessoal Frei Enoque Salvador de Melo, de pesquisa no site da UFS e a conversão de fitas cassetes para o formato MP3 a partir do Software Audacity. Também foi pensado estratégias, possibilidades e desafios dos estudantes e professores ao que nos remete aos acessos a esse material, como também a utilização desde para uso como recuso didático sobre a história dos Kokó.

³ Nesta pesquisa é utilizado o termo Xokó no singular, seguindo a Convenção para a Grafia dos Nomes Tribais, que estabeleceu uma padronização para a grafia dos nomes de sociedades e línguas indígenas no Brasil, na 1ª Reunião Brasileira de Antropologia, em 1953.

Dentro desse contexto, questiona-se: quem são os povos Xokó? como foi realizado o projeto? Qual a importância do trabalho para a valorização da cultura dos Xokó? Quem é o personagem que contribuiu tanto para pesquisa? Qual sua ligação com os Xoko? As são as possibilidades e desafios para o acesso do material para estudantes e professores?

Nesse sentido o presente artigo tem como objetivo geral compreender quem são os povos indígenas Xokó com embasamento da pedagogia decolonial. Como específicos nos propomos descrever o trabalho realizado no projeto de iniciação científica intitulado “memória Digital do Povo Indígena Xokó, que foi desenvolvido na universidade Tiradentes. Como também vamos analisar as possibilidades que o material salvaguardado trará para que professores e estudantes conheçam a história os povos indígenas Xokó.

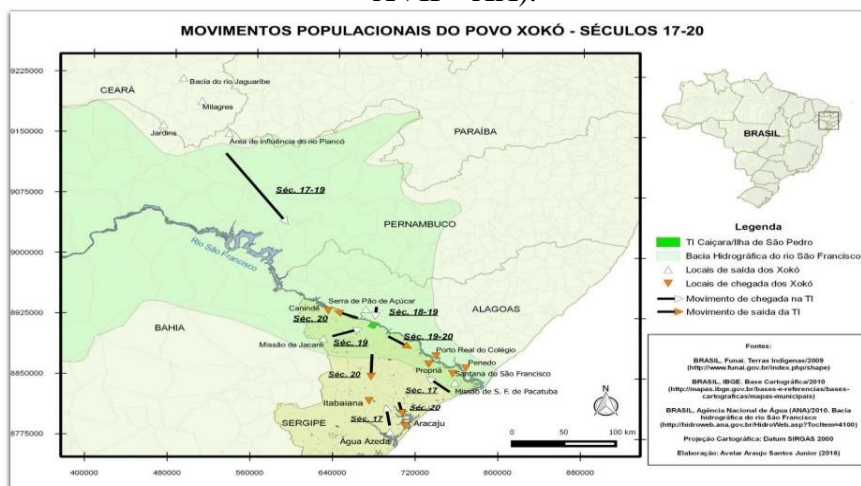
Entende-se o quanto se faz importante os estudo sobre os povos indígenas Xokó, primeiramente por ser a única comunidade indígena que (re)existiram no território de Sergipe. Portanto, é preciso um novo olhar e a reescrita da história, porque esses povos tiveram sua história por muito tempo silenciada e colocada às margens pelo projeto colonial das Américas. Tanto pesquisa, como material que será salvaguardo, trará possibilidades de acesso a sociedade sobre a história da luta e conquista dos Xokó. Assim, perceber como nesse espaço de vivência sobre a vida dos povos indígenas Xokó é possível entender como os fios da tradição continuou a se formar, criando e costurando novas formas de viver na atualidade.

A metodologia qualitativa, permitirá o levantamento e análise de dados que possibilitarão traçar diferentes questões sobre os povos indígenas Xokó, tais como sua história de luta e resistência para manutenção de território, a influência do catolicismo na comunidade. Assim, foram utilizados autores que trabalham nesta perspectiva decolonial como: Catherine Walsh (2009), Elison Paim(2006), Anibal Quijano (2009), Nelson Maldonado-Torres (2008) e Valéria Oliveira e Ilka Miglio (2016).

XOKÓS EM UMA VISÃO DECOLONIAL

Os Xokó é o único grupo indígena remanescente no estado de Sergipe, estão localizados no município de Porto da Folha. Estes indígenas chegaram em Sergipe pelo rio São Francisco, vindo de Pernambuco por volta do século XVII. Logo abaixo está um mapa que mostra o percurso que os indígenas Xokó fizeram para chegarem em Sergipe.

IMAGEM 1- MAPA DOS MOVIMENTOS POPULACIONAIS DO POVO XOKÓ (SÉC. XVII – XX).



Fonte: Santos Júnior, 2016.

Ao rememorar historicamente o processo de colonização das Américas é possível ver como a colonialidade silenciou os povos originários, a partir de padrões raciais eurocêntricos, os indígenas foram desumanizados, colocados à margem, como sujeitos colonizados, inferiores e primitivos. É isso que Walsh (2009) nos leva a refletir em seu texto quando faz sua análise sobre as colonialidades. Ao apresentar a colonialidade cosmogônica, a autora vem nos falar como o processo de colonização é perverso, arrancando dos corpos colonizados suas raízes, quebrando as relações do ser com a mãe natureza, a sua ancestralidade. Os sujeitos colonizados perdem a força do viver em coletividade, pois é em comunidade que o ser se constrói, vive a sua espiritualidade, torna-se em cada gesto que é dividido entre os seus. É nesse sentido que Walsh vai dizer:

É a colonialidade cosmogônica ou da mãe natureza, que se relaciona à força vi - tal-mágico-espiritual da existência das comunidades afrodescendentes e indígenas, cada uma com suas particularidades históricas. É a que se fixa na diferença binária cartesiana entre homem/natureza, categorizando como não-modernas, “primitivas” e “pagãs” as relações espirituais e sagradas que conectam os mundos de cima e de baixo, com a terra e com os ancestrais como seres vivos. Assim, pretende anular as cosmovisões, filosofias, religiosidades, princípios e sistemas de vida, ou seja, a continuidade civilizatória das comunidades indígenas e as da diáspora africana (WALSH, 2009, p. 15).

E com essa reflexão de Walsh (2009), fica nítido como as amarras da colonização são perversas desumanizando o sujeito colonizado, colocando-o em padrões que o anula desde a sua existência, arrancando suas raízes, sua forma de ver e estar no mundo. Na colonialidade

cosmogônica os povos tem sua ancestralidade ferida, as saberes da vida em ligação com a mãe natureza que se perpetuam de geração a geração são rompidos, descaracterizados.

Aníbal Quijano (2009) vem destrinchando como o conceito de raça vai surgir com a modernidade/capitalismo, e com ele a visão de superioridade baseada em uma hierarquia racial decorrente do modelo/padrão eurocêntrico, assim a colonialidade do poder coloca negros e indígenas às margens dessa estrutura social. Nós nos deparamos com toda uma organização social oriunda dos princípios do colonizador, isso coloca os povos indígenas em uma posição de inferioridade, e sem espaço para existirem.

Em diálogo com Nelson Maldonado-Torres (2008) refletimos como os processos de desumanização dos povos colonizados, partem dos padrões eurocêtricos de hegemonia, que faz o apagamento do ser, silenciando suas experiências vividas. O capitalismo junto a modernidade colocam esses sujeitos colonizados como indivíduos sem humanidade, que estão afastados da razão, sem produzir conhecimentos. Assim, entendemos como a colonialidade do ser vai colocar os povos colonizados como corpos irracionais, é uma forma esmagadora de tirar a humanidade, de apagar sua existência.

Walter Mignolo (2005) nos faz entender como a colonialidade do saber vai inviabilizar os conhecimentos oriundos dos corpos colonizados, pois os únicos saberes legítimos passam a ser os europeus. Ou seja, se a colonialidade nas suas esferas, deixa os corpos anulados, silenciados na sua história, na sua relação com a comunidade e com a natureza, na sua ancestralidade, desumanizado-o, ela também não aceita os saberes dos povos originários como válidos.

Os Xóko, como todos os outros grupos indígenas brasileiros, foram silenciados por esse modo implacável de ver e agir da colonialidade, suas terras foram invadidas pelo colonizador, que com o conceito de modernidade romperam com as tradições e costumes desse povo.

A história dos Xokó é ainda bastante desconhecida e muitos dos que já ouviram sobre eles, não os reconhecem índios. Há uma dificuldade geral dos não índios em compreender o fato de que os indígenas, assim como qualquer outra sociedade, possuem uma cultura dinâmica, ou seja, que se modifica ao longo do tempo, como os Xokó. (OLIVEIRA; MESQUITA, 2016, s. p).

Isso é o que a colonialidade faz, promover o silenciamento de culturas que não estão enquadradas em um parâmetro determinado pela modernidade e o capitalismo. A luta dos Xokó, para serem reconhecidos como uma comunidade indígena, nos mostra o quanto as

estruturas da colonialidade do poder ainda são fortes em nossa sociedade, como limita e desconfigura os sujeitos, colocando-os sobre as amarras do controle social.

Por isso a importância de trabalhar neste projeto a partir da pedagogia decolonial, modos outros de ver o mundo, respeitando os saberes. Para Walsh (2007, p. 9): “assumir esta tarefa implica um trabalho de-colonial dirigido a tirar as correntes e superar a escravização das mentes (como diziam Zapata Olivella y Malcolm X); a desafiar e derrubar as estruturas sociais, políticas e epistêmicas da colonialidade”. Que ainda segundo Paim (2006), é preciso entender a necessidade da decolonização de pensadores decoloniais a respeito do que é colonialidade, para assim entendermos este processo. Sobre isso, afirma o autor:

O pensamento e as ações colonizatórias colocaram-se em pauta a partir de 1492, quando europeus invadiram o continente americano e montaram as empresas colonizadoras calcadas na exploração das gentes. Apoderando-se e encarcerando tanto os corpos quanto as mentes, das terras e da natureza nas dimensões animal, vegetal e principalmente mineral. Tudo foi organizado para a total submissão e exploração. As empresas colonizadoras mantiveram-se durante mais de quatro séculos nesse sistema exploratório; muitos domínios perduraram mesmo após a independência político-administrativa das antigas colônias (PAIM, 2006, p. 143).

O colonizador utilizou diversas estratégias para dominar o território, não respeitando nada, nem a vida humana, nem o meio ambiente. Nesta busca desenfreada por riqueza e poder o colonizador pauta-se em destruir tudo que o não pertencia, seja culturalmente, ou aspectos naturais, para assim, implantar seu modo, seus costumes e maneiras de ser como os únicos corretos. Neste sentido, o europeu sempre seria visto como superior, e qualquer outro povo seria inferior a eles, pelo simples fato deles ser o colonizador civilizado. O colonizador, para isso, infringiu ao nativo sofrimento físico e moral. Nesses aspectos Paim (2006) mostra como é preciso desconstruir pensamentos buscando essa decolonização, para assim, aprimorar o ensino de história, não apenas contando a história dos mocinhos, mas sim das partes que tiveram uma enorme participação como é o caso dos Xokó.

A decolonização necessita buscar a desconstrução das metas narrativas sobre a modernização, racionalização e progresso procurando restaurar as vozes, as experiências, as identidades, as histórias dos subalternos e a importância das comunidades periféricas, as memórias coletivas, articular o sensível e o conceitual. Portanto, busca-se desfazer a cultura do silêncio, as contradições opressor-oprimido rearticulando-as para superação das marcas profundas da colonialidade inscrita na memória social dos povos colonizados (PAIM, 2006, p.151).

Como Paim (2006), afirma na citação a cima, é preciso estudar culturas que foram inferiorizadas por muito tempo decolonizando as mentes, dar voz a suas histórias por seus próprios olhares, valorizar os verdadeiros protagonistas que fazem a história, como é o caso dos Xokó, este povo que teve seus valores e terras tomados pela colonização.

PROJETO “MEMÓRIA DIGITAL DO POVO INDÍGENA XOKÓ”

Com aprovação do projeto intitulado “Memória Digital do Povo Indígena Xokó”, em Agosto de 2017 pelo programa de pós graduação (PROBIC) da Universidade Tiradentes, iniciou-se os trabalhos de pesquisa, com uma carga horária de 20 horas semanais, as quais estariam distribuídas na seguinte maneira: 12 horas seriam subdivididas em 3 dias semanais (segunda-feira, quarta-feira e sexta-feira) realizadas no período vespertino, no Instituto Tobias Barreto, com a análise dos documentos do fundo Frei Enoque, em um ambiente bem equipado que foi disponibilizado pela instituição; Nas 8 horas restante seriam realizadas as leituras basilares em torno da pedagogia decolonial, das questões étnicas raciais e princípios arqueológicos, que ajudariam para o andamento da pesquisa e princípios arqueológicos.

Foram disponibilizado por Frei Enoque uma variedade de documentos: jornais, fotografias, cartas, bilhetes entrevistas e fitas. Assim, nos três primeiros meses do projeto, o foco seria a digitalização dos documentos, para isso era necessário a coleta, organização, higienização destes papéis, com o intuito de facilitar todo o processo. No caso de documentos muito deteriorados, a digitalização se deu por meio de fotografia digital, para evitar maiores danos por conta do manuseio. Nesse caso os arquivos digitalizados foram armazenados em um drive.

Foi realizada também a indexação dos arquivos digitais, onde cada documento digitalizado recebeu uma ficha de identificação, para possibilitar acesso rápido e preciso, com os principais dados para a facilitação de pesquisas. Por último, pensando no prolongamento e preservação dos documentos que foram devolvidos a Frei Enoque, foi realizado o acondicionamento de cada documento em pastas classificadoras, colocados em ordem cronológica, a qual vai de 1871 a 2015. Os arquivos digitais ficaram disponíveis no Instituto Tobias Barreto para acesso de toda população e também na escola indígena.

Site da Universidade federal tivemos acesso a vários jornais para consulta sobre os povos Indígenas Xokó.

NA TABELA 01, OS JORNAIS:

TIPOLOGIA DOCUMENTAL: JORNAIS
A notícia
A razão
A república
A tribuna
Correio de Aracaju
A Cruzada
A Defesa
A Estância
Folha da Manhã
Folha de Sergipe
Folha Popular
Folha Trabalhista
Gazeta de Sergipe
Gazeta do Povo
Gazeta Socialista
Diário da Assembleia
Diário da Justiça
Diário da Manhã
Diário da tarde
Diário de Sergipe
O Estado de Sergipe
Jornal de Sergipe
Jornal da Cidade
Jornal de Aracaju
O Horizonte
O Imparcial
O Nordeste
A República
O Tempo
Sergipe Jornal
Vida Laranjeirense

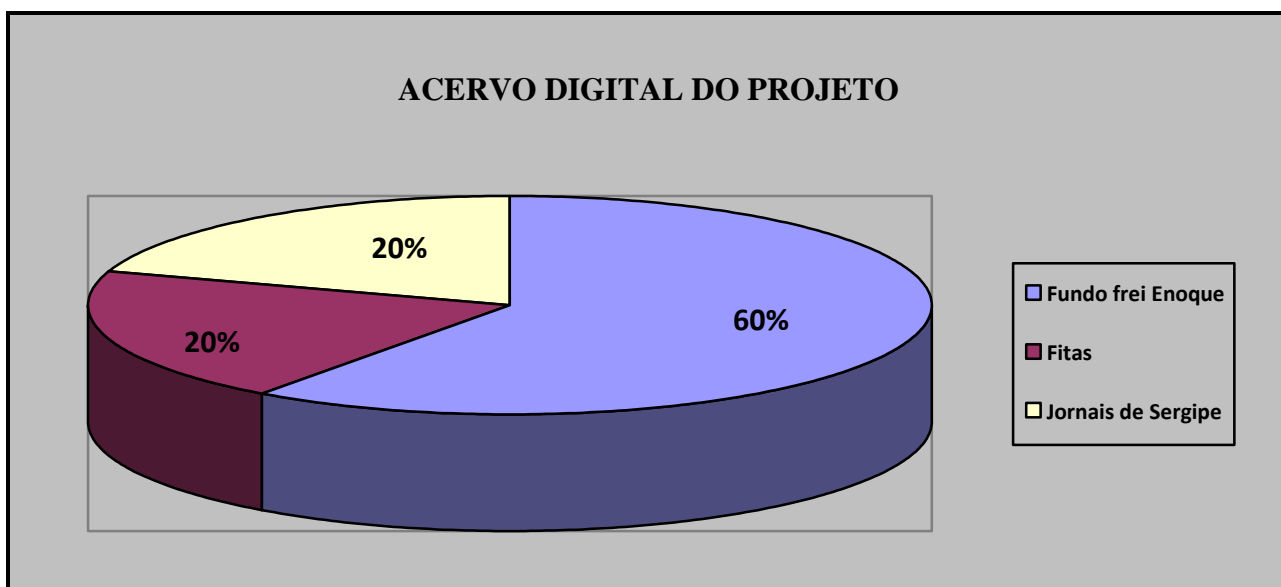
FONTE: site da Universidade Federal de Sergipe, 2018.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Com o propósito de conhecer e preservar a cultura dos indígenas Xokó, foi desenvolvido o projeto de pesquisa que teve o apoio de Frei Enoque Salvador de Melo que cedeu seu acervo pessoal documental sobre os Xokó, sendo assim passou por uma transformação este que foi convertido de suporte papel em Acervo digital, além da pesquisa nos jornais do acervo da UFS. Para mostra o objetivo que foi almejado na pesquisa, Logo abaixo está uma tabelas e um gráfico que descrevera desde o cronograma de pesquisa, organização do acervo e os documentos que estão disponibilizados.

Depois de todo trabalho para preservar a memória dos Xokó, um dos passos mais importante desse processo foi a organização deste acervo, que além de preservar os documentos garantindo a prorrogação da vida útil destes, tornar possível a consulta do material pelas pessoas que tiverem necessidade e curiosidade sobre a história dos indígenas de Sergipe.

GRÁFICO 1: ACERVO DIGITAL DO PROJETO



Fonte: Projeto Xokó, 2017.

O gráfico expõe a estrutura do acervo digital projeto Xokó, o qual está dividido em três pastas, sendo a maior a do fundo Frei Enoque, este que está os documentos que foram digitalizado no Intituto Tobias Barreto, já as pastas fitas estão os áudios que foram convertidos de fitas cassetes para o formato MP3 a partir do Software Audacity. - Apolônio Acompanhado com a pasta jornais de Sergipe, esta que estão os jornais encontrados no site do acervo da UFS.

TABELA 2: DOCUMENTOS DO ACERVO DIGITAL

DOCUMENTOS DO ACERVO DIGITAL			
Fundo Frei Enoque			
Pasta 1	Alocuções de Dom Brandão - 1 pasta		
Pasta 2	Bilhetes - 32 pastas		
			• Soltas -18 pastas

Pasta 3	Correspondências:	SUBPASTAS:	<ul style="list-style-type: none"> • A Origem da luta pela conquista - 43 pastas • Estrada na ilha- 26 pastas
Pasta 4	Fotos:		<ul style="list-style-type: none"> • Fotos soltas - 96 pastas • Album “1991-1993” - 37 pastas • Album “1980 - 1984” - 106 pastas • Album “1978-1979” - 55 pastas
Pasta 5	Jornais:		<ul style="list-style-type: none"> • A defesa - 3 pastas • A tarde - 6 pastas • CIMI - 3 pastas • COOJORNAL - 1 pastas • CORREIO BRASILIENSE- 1 pasta • Desacato - 1 pasta • Diário de Aracaju - 3 pastas • Diário de Pernambuco - 4 pastas • Folha de São Paulo - 2 pastas • Gazeta de Alagoas - 1 pasta • Gazeta de Notícias - 2 pastas • Gazeta de Sergipe - 14 pastas • Jornal da Cidade - 21 pastas • Jornal da Manhã - 3 pastas • Jornal de Brasília - 10 pastas • Jornal de Sergipe - 74 pastas • Jornal do Brasil - 1 pasta • Jornal Independência - 1 pasta • Movimento - 1 pasta • O estado de São Paulo - 22 pastas • O estado de Sergipe - 2 pastas • O globo - 3 pastas

			<ul style="list-style-type: none"> • O São Paulo - 3 pastas • Parantim - 2 pastas • Porto Alegre - 1 pasta, • Jornais soltos - 43 pastas (matérias cujos jornais não foram identificados) • Tribuna de Alagoas - 1 pasta • Tribuna de Aracaju - 9 pastas • Última hora- 1 pasta • Vela - 1 pasta
Pasta 6	Músicas: 11 pastas		
Pasta 7	Revistas: 5 pastas		
Pasta 8	Transcrição das gravações: 15 pastas.		
Fitas			
Pasta 1	49 arquivos de áudio		
Jornais de Sergipe			
Pasta 1	Jornais: 2 pastas		<ul style="list-style-type: none"> • Defesa • Jornal de Sergipe

Fonte: acervo digital Frei Enoque, 2017.

Na tabela 2, está todos os documentos que estão dentro das três pastas principais do acervo. Assim, no fundo Frei Enoque estão nove pastas estas que são: Alocações de Dom Brandão, Bilhetes, Correspondências, Fotos, Jornais, Músicas, e Transcrição das gravações e revistas que dentro destas estão subpastas. Na pasta fitas apenas tem uma pasta com os quarenta e nove áudios convertidos, e a pasta jornais de Sergipe possui duas pastas e subpastas.

BIOGRAFIA FREI ENOQUE

Enoque Salvador de Melo, nasceu no dia quatro de dezembro de mil novecentos e quarenta e dois, na cidade de cachoeirinha em Pernambuco, foi criado pela sua tia materna no bairro chamado Mocambo região carente de Recife, e teve uma infância muito pobre.

Na sua adolescência, jogava futebol, brincava carnaval, namorava, e seu sonho era entrar para o curso de Direito Não conseguindo entrar trabalhou como bancário até o dia em que resolveu seguir a vida religiosa, deixando para trás seu emprego e sua noiva. Sua entrada no convento dos franciscanos foi em 1967, aos 21 anos de idade.

Uma nova vida iniciava para Enoque Salvador de Melo, não teria mais o conforto com o qual estava acostumado, pois os dogmas religiosos estavam baseados na castidade e abdicação total dos bens materiais. Como fica claro na fala dele em uma entrevista concedida a Josefa Eliane dos Santos para elaboração da sua monografia intitulada: UM RELIGIOSO PERNAMBUCANO NO SERTÃO SERGIPANO: Trajetória de Frei Enoque e a questão fundiária 1942-1986.

Ai foi outra vida muito difícil porque eu era acostumado a ter meu dinheirinho e no convento a gente não podia receber visita a gente não podia ir em casa, não podia escrever se eu tivesse e receber alguma carta da família ela era aberta antes, se você ia escrever tinha que entregar a carta aberta para ser lida, se você precisasse de um sabonete tinha que pedir pelo amor de Deus, você era mandado na refeição se ajoelhar, com o prato na mão (MELO, 2014.)

Enoque entra no convento em um período conturbado na política do país, período de ditadura militar (1964-1985) que tem como característica a repressão a pensamentos e atitudes que não concordassem com as imposições do governo, e também altas transformações na estrutura da igreja católica com o concílio vaticano II (1962-1965). Esse concílio tinha como objetivo modernizar a igreja e com isso atrair mais cristãos, conseqüentemente gerou divergências entre os religiosos. O período militar também propiciou essas divergências dividindo a igreja em dois grupos: os conservadores que apoiavam o regime político vigente e progressista que não concordavam com o mesmo. Sobre esse período ainda em entrevista a Josefa Eliane dos Santos Enoque revela:

Eu sou fruto de duas grandes explosões que mexe com as pessoas, sobretudo como estudante. Eu sou fruto da ditadura né. Na época era juvenzinho do interior que em 1968 entra no convento e lá no convento já se depara com uma realidade terrível. Porque Siriahein ficava na zona da cana e com a revolução muitos camponeses, muitos agricultores sindicalistas foram torturados e curriam se escondiam no terreno grande das terras da igreja do convento, de unhas arrancadas e tudo mais [...] Eu sou fruto de todas as novidades que iam chegando do Vaticano II. Meu bispo Dom José Brandão participa de todas as seções inclusive a inaugural. A diocese de Propriá é fundada com o papa João XXIII, então há um bocado de seiva ai nessa arvore, então pra gente aquilo era uma fonte de inspiração muito grande. (MELO, 2013)

Diante desse relato podemos observar o contexto no qual Enoque estava inserido, assim compreendendo seu envolvimento em questões sociais e mais tarde na defesa dos indígenas Xokó quando Enoque já estava em território Sergipano, pois é essa relação que interessa ao projeto. Recife foi palco de alguns embates políticos que afetou também a igreja católica. As formações acadêmicas dos noviços eram realizadas no Instituto de Teologia de Recife (INTER), os jovens tinham contatos com pessoas de fora do convento, pelo fato do instituto está associado à faculdade de Recife.

Diante do regime político vigente, das condições vida da população e das determinações do Concílio Vaticano II, os jovens noviços perceberam que a parte conservadora da igreja estava mais preocupada em atender os desejos dos militares, esquecendo das comunidades carentes da região. Além disso, os noviços perceberam que a formação estava mais voltada para intelectualidade do que à prática. Deste modo, os jovens reuniram-se e decidiram criar a ‘teologia da inchada’ que tinha como objetivo “colocar em prática o que haviam estudado”. Os quais foram divididos para atuar em três comunidades.

Enoque Salvador de Melo, estava entre esses noviços que queria pôr em prática os aprendizados passados até então. Na década de 1970, Enoque junto com Raimundo Nonato vieram para o sertão de Sergipe, para atuar na diocese de Própria, na qual ele é ordenado padre. Foi então que começou as missões de Enoque Salvador de Melo no alto Sertão sergipano.

Em 1970, quando Frei Enoque chega a Sergipe tornando-se posteriormente pároco da cidade de Porto da Folha, incluído a comunidade indígena de Porto da Folha. É importante entender como os Xokós vem (re) existindo, fazendo rasuras e lutando contra as várias facetas da colonialidade que os cercam, sendo o único grupo indígena de Sergipe.

AS POSSIBILIDADES E DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO

Durante a pesquisa, as leituras de aprofundamento teórico sobre o tema decolonial e étnicos raciais foram cruciais para desenvolver um novo olhar, que romperá com as amarras da visão eurocêntrica. Pois, a colonialidade possui amarras fortes, que precisam constantemente serem quebradas, isso com a ressignificação dos espaços, do ser, da história. É nesse perspectiva, que Daniel Munduruku (2002) nos leva a perceber a importância de se contar a história dos povos indígenas, de conhecer nossa ancestralidade, afirmando que:

Somos a continuação de um fio que nasceu há muito tempo atrás. Vindo de outros lugares... iniciado por outras pessoas... completado, remendado, costurado e ... continuado por nós. De forma mais simples, poderíamos dizer que temos uma

ancestralidade, um passado, uma tradição que precisa ser continuada, costurada, bricolada todo dia (...) (MUNDURUKU, 2002, p. 41).

Somos sabedores como a visão eurocêntrica sobre os povos indígenas até hoje produz amarras e mordanças, pois o estereótipo parte de duas vias que produz a desumanização desses povos, ou seja, tanto na visão romântica que o coloca com um ser ingênuo e puro, como na de selvagem e preguiçoso, produz um conceito sobre os povos originários baseado em preconceitos que os anulam nos tempos atuais. No caso, a sociedade continua diariamente anulando o direito de ser indígena, excluindo os povos indígenas como seres históricos que vivem, resistem e que lutam constantemente por espaço, por voz, que (re)existem nesse processo.

Em 2008, após anos de luta do movimento indígena por reconhecimento em quanto sujeitos outros que carregam saberes, etnias e culturas múltiplas, foi aprovada a Lei nº. 11.645, que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Nesta lógica infraconstitucional se consolida uma conquista histórica que é a obrigatoriedade legalmente instituída. A obrigatoriedade da cultura indígena conjuntamente aos comandos legais já impostos pela Lei nº 10.639/2003 que já garantia a inclusão obrigatória no currículo oficial da rede de ensino da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. Mesmo, a luta para as temáticas de povos subalternizados, como caso dos indígenas ainda está longe de acabar.

A escola como estrutura de poder ainda tem suas limitações, as rasuras feitas ainda não adentem as alterações que foram solicitados para/com o currículo do ensino fundamental e Médio. Uma das fragilidades é a história única que a sociedade carrega, a qual vem desaminando a história contada pelo colonizador, as visões estereotipada do ser indígena, e qual a história do Brasil que entra eles. Um exemplo é o dia 19 de abril, chamado de dia do índio, o qual as escolas ainda tem uma cultura de tratar como comemoração, e gostam de fantasiar os alunos de “INDIO” como se o ser pertencente a cultura dos povos originário fosse apenas uma fantasia, além que praticamente a temática apenas é trabalhada nestes momentos. O dia 19 é um marco de luta e conquista. Assim, Entendemos que não é apenas apresentar o tema dos povos originários na sala de aula, pois reconhecemos ainda a existência Das esferas da colonialidade que faz com que a escola ainda aborde esses sujeitos de maneira mecânica, carregada de estereótipos e preconceitos.

Esse projeto permite a população sergipana no geral ter acesso a história dos Xokó, em sala de aula levar aos alunos entender como esses foram e são resitência e (re)existência, reconhecendo estes como sujeitos históricos, possibilitando construções de histórias outras, os modelos de apagamento da colonialidade. Assim, a história dos Xokó precisa ser contada, nos espaços públicos, e a criação de um acervo digital permitirá a sociedade revirar e rememorar o passado, reconhecendo as sofridas por esses povos.

Por conta disso, que faz-se de grande importância a disponibilidade de um acervo documental, para começamos a pensar em incluir a temática indígena sempre nas nossas aulas, principalmente se tratando de uma comunidade indígena estadual, sabemos que material didático com a história local, não são de fácil acesso, ou em muitos casos inexistentes. Que permitirá a novos pesquisadores lançar novos olhares sobre toda trajetória dos Xokó. São documentos que contam a história de vida desses povos, são fonte de memória/identidade que traz visibilidade a esses indivíduos que foram colocados às margens da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na caminhada proporcionado na pesquisa, estamos aqui em momentos finais para relatar a importância da pesquisa para preservação, valorização e ressignificação da história e cultura dos nossos indígenas sergipanos, os Xokó. Nesta jornada nos propormos a desenhar possibilidades outras para/com essa comunidade, desde a salvaguarda dos documentos até o debate dos desafios e possibilidades para educação.

Como uma agulha que liga a linha ao bordado essa pesquisa tem a responsabilidade de levar conhecimento acessível para todos que busquem aprofundamento teórico sobre a temática, além de proporcionar uma rica ressignificação da história dos indígenas, por reconhecer que se trata de povos historicamente silenciados pela colonialidade em todas suas esferas.

Como primeiro ponto que conduz os demais, está pesquisa foi o ponta pé para o acesso, valorização e preservação de culturas que por muito tempo ficaram as margens, sem ter o devido protagonismo na sociedade brasileira como a dos nossos indígenas. Nesta perspectiva, espera-se que a sociedade em geral, com foco em professores e alunos, tenham interesse para se debruçar na temática, mesmo sabendo os desafios, mas é preciso que as possibilidade fale mais alto e garanta que estudos e mais estudos coloque as vozes dos nossos indígenas.

REFERÊNCIAS

BANIWA, G.S.L. **O índio brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: MEC/SECAD; LACED/Museu Nacional, 2006.

CAMPELO, Lorena de Oliveira Souza. **O legado documental de Epifânio Dória**: por uma abordagem funcional dos arquivos pessoais. 2015. 164 p. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

DANTAS, Beatriz Góis. Os índios em Sergipe. In: DINIZ, Diana M. de F. L. **Textos para a história de Sergipe** 2. Ed. São Cristóvão, 2013. P. 25-74

MUNDURUKU, Daniel. **Em busca de uma ancestralidade brasileira**. Fazenda Escola, Alvorada, Secretaria Municipal de Educação de Alvorada, 2002.

OLIVEIRA, M.V.; MESQUITA, I.M. **Povo Xokó**: Reinvenção das Tradições. In: LUCENA, M. (org.). LUCINI, M. (org.). Educação, Comunicação e Diversidade: Pesquisas e conexões. Rio de Janeiro: Autografia EDUPE, 2016. [e-book].

PAIM, E. A. **Para além das leis**: O ensino de cultura e história africana, afrodescendentes e indígenas como decolonização do ensino de história. In: MOLINA, Ana Heloisa; FERREIRA, Carlos Augusto Lima. Entre textos e contextos: caminhos do ensino de História. Curitiba: Ed. CRV, 2016, p.141-166.

SANTOS, J.E. **UM RELIGIOSO PERNAMBUCANO NO SERTÃO SERGIPANO**: Trajetória de Frei Enoque e a questão fundiária. 1942-1986. 2014. 64 p. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014.

SANTOS JÚNIOR, Avelar Araújo. **A conflitualidade para além da regularização territorial**: a propósito das múltiplas determinações das políticas públicas na terra indígena Caiçara/Ilha de São Pedro, em Sergipe. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, da Universidade Federal da Bahia, 2016.

SOUZA, Natelson O. A história está no “drama”: jovens Xokó e produção de socialidade com linguagem das artes. Cadernos de Arte e Antropologia, UFBA, n. 2, p. 43-58, 2013.

WALSH, C. **Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial**. In: CANDAU, V. M. (Org.). Educação intercultural na América Latina: Entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro. 7 Letras, 2009, p.12-42.